

A black and white portrait of an elderly man with white hair, wearing a dark suit, white shirt, and striped tie. He is looking upwards and to the right with a slight smile. His arms are crossed over his chest. The background is a solid dark blue with a diagonal line separating it from a darker blue area on the right side.

CARLOS DO CARMO

PRESENT

CARLOS

DO

CARMO

● Alegoria de Lisboa, a voz de Carlos do Carmo celebrou a cidade e a cultura portuguesas nas últimas cinco décadas, pelos palcos mais prestigiados de todo o mundo.

É umas das referências maiores do universo do Fado, enquanto intérprete, estudioso e divulgador, também enquanto ponte entre tradição e inovação, na ligação às novas gerações do Fado, na valorização desta expressão cultural.

Um homem na cidade ganhou uma dimensão e um significado muito especiais, homenageando-o agora através da toponímia, perpetuando o seu nome na cidade, junto ao Tejo.

Grande pioneiro do nosso tempo, Carlos do Carmo iniciava, em 1963, uma das carreiras mais sólidas no panorama artístico nacional permanecendo, ao longo de mais de cinquenta anos, associado a um processo de renovação permanente do repertório poético e musical do Fado.

Protagonizou alguns momentos do maior significado para a história da música portuguesa, com a sua voz transformou-se há muito numa banda sonora da cidade de Lisboa, onde todos nós lisboetas, e portugueses em geral, podemos reconhecer-nos.



Artista e homem de cultura, Carlos do Carmo abraçou de forma apaixonada a grande causa da preservação e salvaguarda da sua genealogia cultural. Foi o grande impulsor da criação do Museu do Fado, instituição com quem colaborou ativamente ao longo de mais de 20 anos.

Grande embaixador da candidatura do Fado à *Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade* (UNESCO), concluída com sucesso com a sua classificação, em 2011, Carlos do Carmo foi o primeiro artista português a ser agraciado, em nome próprio, com um *Grammy* latino de reconhecimento de um percurso artístico de excelência. Construído a partir do diálogo aberto e continuado com outras artes - do cinema às artes plásticas - o seu vastíssimo legado foi profundamente marcado por uma criteriosa exigência na seleção do repertório poético e musical, sistematicamente convocando músicos e compositores de outras áreas musicais e cantando a grande poesia, do lirismo erudito à criação literária contemporânea.





Carlos do Carmo, Teatro São Luiz, 2012
Fotografia EGEAC José Frade



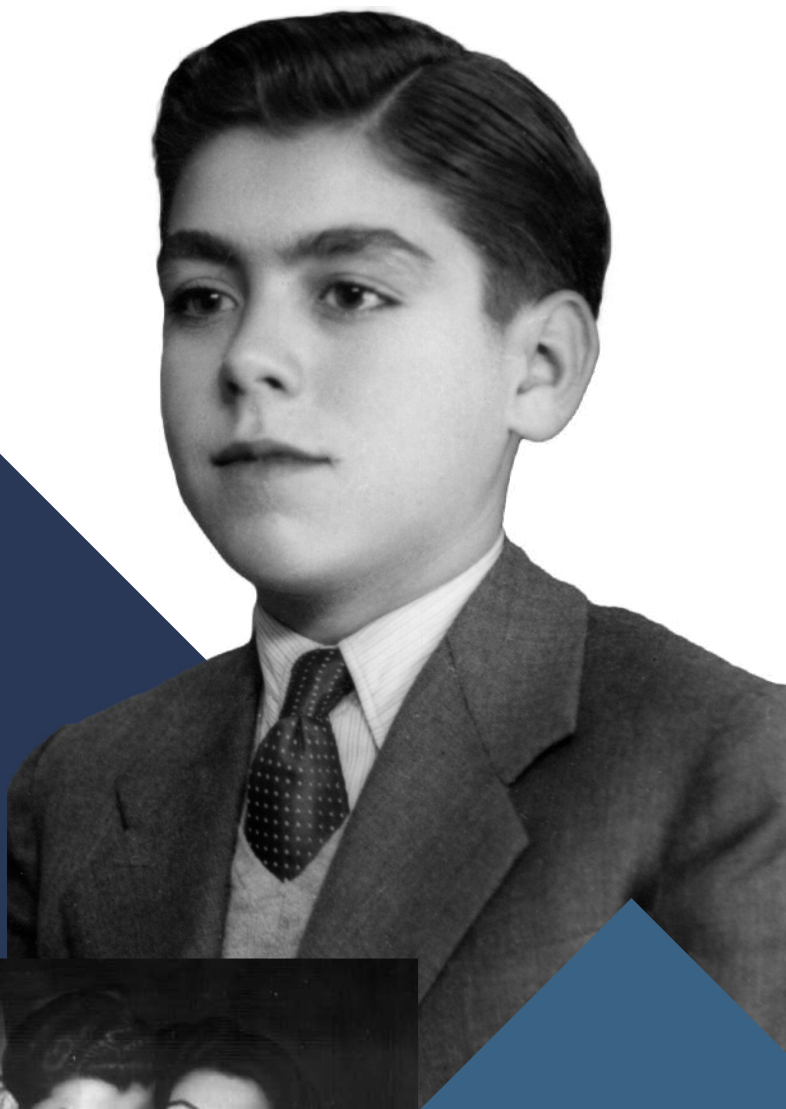
Carlos do Carmo, Museu do Fado, 2009,
Fotografia EGEAC José Frade

Acarinhado profundamente pelo público e pelas gerações mais jovens de fadistas que sempre viram nele a figura de um Mestre, Carlos do Carmo fez de cada disco, de cada projeto, de cada concerto, ao longo de mais de cinquenta anos, um ato de gratidão e de entrega absoluta. Cantou pelos cinco continentes, as suas passagens pelas salas de espetáculo mais prestigiadas do mundo foram sucessivamente aclamadas pelo público e pela crítica.

Muitos aprenderam português para aprenderem os seus fados. No seu vastíssimo legado discográfico é surpreendente a quantidade de temas que tão assiduamente inscreveu no nosso imaginário coletivo, desde a década de 1960: *Por Morrer uma Andorinha*, *Duas Lágrimas de Orvalho*, *Bairro Alto*, *Canoas do Tejo*, *O Amarelo da Carris*, *O Cacilheiro*, *Os Putos*, *Estrela da Tarde*, *No Teu Poema*, e *Lisboa Menina e Moça*, o mais festejado hino da nossa cidade de Lisboa. Lisboa, o Fado e a cultura portuguesa têm para com ele uma dívida de infinita gratidão, desta forma apenas parcialmente saldada.

Carlos Moedas
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Carlos do Carmo
fotografado aos 7 anos de idade,
1946



Carlos do Carmo e Lucília do
Carmo, fotografia de Carlos Nunes,
década de 1960

- Carlos do Carmo nasceu a 21 de Dezembro de 1939 em Lisboa. Filho da grande Lucília do Carmo, trouxe consigo as memórias de um século de Fado e um profundo entendimento da matriz tradicional deste património vivo. Só esse entendimento - transbordante de respeito e gratidão pela herança materna - permitiria, aliás, o extraordinário equilíbrio entre a assunção das raízes mais tradicionais e uma permanente sede de descoberta de novos rumos poéticos e musicais, num itinerário pessoal desde cedo marcado por uma assombrosa originalidade.

Fado é Amor: assim se intitulava um dos discos de Carlos do Carmo editado em 2013, asserção que poderia sintetizar uma boa parte da sua biografia artística e, sobretudo, iluminar muito do que fez pelo Fado e pela cultura portuguesa nos últimos cinquenta anos. A afirmação que o título encerra – uma escolha de Judite, o grande amor da sua vida - explica também, porventura, a longevidade criativa da Voz que se constituiu há muito como a banda sonora da cidade de Lisboa.¹

¹ - Texto adaptado pela autora, a partir do original publicado no âmbito das celebrações dos 50 anos de carreira do artista. Cfr. Sara PEREIRA "Um Verso em Branco à Espera de Futuro" in "Carlos do Carmo 50 Anos", catálogo da exposição temporária, Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC, Museu do Fado, 2014.

Fundada numa incessante capacidade de inovação, a sua biografia artística é, sobretudo, a história de um grande amor por Lisboa e pela arte que abraçou e sublimou a um tom maior.

No seu vastíssimo legado, a revisitação do passado sempre constituiu, sobretudo, impulso de futuro e de renovação.

Distanciando-se do *pathos* mais melancólico do Fado, na sua relação ambígua com uma certa aceção de *sina* ou *destino*, Carlos do Carmo preferiu, desde muito cedo, celebrar uma Lisboa luminosa, sempre ciente – como sempre gostou de afirmar – de que *o melhor está para vir*. Na sua voz, sonda de incessante renovação poética e musical, reencontramos a celebração dos grandes temas matriciais do Fado, num tom inevitavelmente insubmisso ao fatalismo das *tristezas cor de chumbo*² que, a partir da nossa literatura, nos seus testemunhos mais populares ou eruditos, a mitologia fadista haveria de cristalizar. Al-tivo e livre da imagem resignada do *negro fado brutal*,³ Carlos do Carmo preferiu sempre a imagem positivista do *verso em branco à espera do futuro*.⁴

² - Do poema "Males de Anto" de António Nobre, autor confesso do *livro mais triste de Portugal*. Veja-se Só, Porto, Aillaud & Lello, 1913.

³ - *Fado da Sina*, letra de Amadeu do Vale e música de Jaime Mendes.

⁴ - *No teu poema*, José Luís Tinoco. *Carlos do Carmo, Uma Canção Para a Europa*, Movieplay - RTP, 1976

Carlos do Carmo e Lucília do Carmo
fotografados em frente à casa típica O Faia, Bairro Alto, década de 1960
Col. Carlos do Carmo



13 de Dezembro de 1964
Casamento de Carlos do Carmo e
Judite Leal



Carlos do Carmo, década de 1960
Col. Carlos do Carmo

Integrando os ensinamentos colhidos no âmago de uma linhagem tradicional com uma extraordinária versatilidade de recursos vocais, Carlos do Carmo notabilizou-se desde muito cedo pelas singulares capacidades da sua voz, capaz de se desdobrar em subtis variações melódicas dentro do mesmo fado, num respeito escrupuloso pelo texto, perscrutando-lhe a sugestão poética, seguindo-lhe os ritmos prosódicos, indagando a musicalidade intrínseca das palavras.

Fundado na exigência e no rigor, o seu legado, como escreveu Nuno Júdice, “obriga, tal como qualquer grande livro ou grande poema, a que se escute repetidamente para aceder aos múltiplos sentidos de cada fado”.⁵

A reaproximação ao Fado sucedeu por via da morte prematura do pai, em 1962, que o vinculou à gestão da casa típica *O Faia*. Fora o seu pai, o brilhante livreiro e empresário Alfredo de Almeida, a impulsionar os seus estudos no *Institut auf dem Rosemberg* St. Gallen, na Suíça, em meados da

⁵ - Nuno JÚDICE, “Uma Intervenção Criadora”, *Jornal de Letras*, 30 de Outubro de 2013.



Carlos do Carmo, década de 1960
Col. Carlos do Carmo



década de 50. Antes de ingressar no Curso Superior de Hotelaria em Genebra, haveria ainda de viajar pelo mundo a bordo dos navios *Vera Cruz*, do *Pátria* e do *Infante*.

Nos alvares deste itinerário pessoal de cinquenta anos, Carlos do Carmo trazia já consigo uma mundividência cosmopolita estruturada numa formação cultural bastante eclética – polvilhada, ao nível musical, de referências exteriores ao Fado – a par da graduação em gestão hoteleira na Suíça e do domínio fluente de várias línguas. Durante cerca de duas décadas, acumularia a gestão da casa de fados com a vida artística, actuando diariamente ao lado da mãe, factor que consolidaria *O Faia* como a sala de visitas da cidade, referência incontornável da oferta cultural e turística da capital.

Incondicional admirador de Brel, Sinatra, Elis Regina, Zeca Afonso, Chico Buarque, Luís Gonzaga ou Dorival Caymmi – estes últimos escutados ainda na meninice, nos discos

que a mãe trazia das digressões ao Brasil – nunca hesitou em celebrar as suas referências musicais, cultivando-as em concertos e gravações que pontuam regularmente toda esta geografia temporal de meio século.

E, se, sucessivamente, revisitou as raízes da tradição fadista, a sua obra estruturou-se no diálogo aberto com poetas, compositores e músicos, numa intransigente e criteriosa procura de um repertório de qualidade, inovando num domínio ainda subjugado a alguns arquétipos que o confinavam no seu *pathos* mais escuro e melancólico. Na sua voz, é a imagem de uma Lisboa luminosa e íntima que nos é devolvida em todo o seu esplendor.

Da intensa colaboração artística com José Carlos Ary dos Santos resultaria, em 1977, a edição do fundamental álbum *Um Homem na Cidade* com músicas de José Luís Tinoco, Paulo de Carvalho, António Vitorino de Almeida, Fernando Tordo, Martinho d'Assunção, Frederico de Brito, Joaquim



Carlos do Carmo, década de 1960
Col. Carlos do Carmo



Carlos do Carmo, Teatro São Luiz, 2012,
Fotografia EGEAC José Frade

Luís Gomes e Moniz Pereira, emoldurando os poemas de Ary. Operando uma ruptura fundamental no repertório do Fado, Carlos do Carmo distanciava-se de quaisquer reminiscências da mitologia da saudade que o romantismo promovera, sacudindo, em definitivo, toda a letargia da tristeza resignada que se cristalizara nos repertórios produzidos sob a égide da depuração censória do Estado Novo. Valorizando uma nova liberdade expressiva, a sugestão poética de Ary anunciava ainda uma reconciliação com a cidade, *Flor de Lisboa, bem amada/ Que mal me quis, que me quer bem*.⁶

Citação poética de Bernardim Ribeiro⁷ - referência quinhentista incontornável na imagética da saudade - o tema *Lisboa Menina e Moça* haveria de transmutar-se no mais festejado hino da cidade de Lisboa, onde ainda hoje podemos reencontrar-nos.

Grande mensageiro deste *tempo novo*, foi Carlos do Carmo a trazer o Fado para *aquele dia inicial inteiro e limpo*, de que falava Sophia. Nos cinquenta anos que balizam o seu itinerário artístico, Carlos acompanhou o final agonizante da ditadura e o percurso complexo de mais de quatro décadas de Democracia. Dialogando abertamente com músicos oriundos de outras áreas musicais, a sua influência foi determinante para aproximar do Fado uma plêiade de criadores que se reviam num posicionamento de franca hostilidade à canção urbana de Lisboa e que com ele desbravaram novos rumos poéticos e musicais.

⁶ - *Um Homem na Cidade*, letra de José Carlos Ary dos Santos e música de José Luís Tinoco. Carlos do Carmo, *Um Homem na Cidade*, Trova, 1977.

⁷ - *Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe*, eis o início da obra de Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça* editada em 1554, sob a égide da saudade e do amor.



Carlos do Carmo, 2009
Fotografia de Fernando Bento
Col. Carlos do Carmo

Foi também Carlos do Carmo a aproximar do Fado a figura do proeminente compositor, crítico e ensaísta Fernando Lopes Graça, um dos mais lúcidos pensadores da problemática da música portuguesa no século XX, cuja postura de rejeição do Fado havia promovido, até então, o distanciamento crítico da nossa Academia.

Nos alvares do seu percurso artístico, Carlos do Carmo criava um surpreendente conjunto de temas até hoje enraizados no nosso imaginário colectivo. *Por Morrer uma Andorinha*,⁸ *Duas Lágrimas de Orvalho*,⁹ *Bairro Alto*,¹⁰ *Canoas do Tejo*,¹¹ *Os Putos*,¹² *Lisboa Menina e Moça*,¹³ *Estrela da Tarde*,¹⁴ ou *No Teu Poema*,¹⁵ desfilam entre os grandes sucessos populares, por si criados nas décadas de 1960 e 1970.

⁸ - *Por Morrer Uma Andorinha*, Letra de Francisco Viana e música de Frederico de Brito Carlos do Carmo *Canta Fado*, Phillips, 1969.

⁹ - *Duas Lágrimas de Orvalho*, João Linhares Barbosa, Fado Pedro Rodrigues, Carlos do Carmo, Tecla, 1972

¹⁰ - *Bairro Alto*, letra de C. Neves, música de Francisco Carvalhinho, Carlos do Carmo, *Êxitos*, Tecla, 1973

¹¹ - *Canoas do Tejo*, Frederico de Brito, Tecla, 1973

¹² - *Os Putos*, Ary dos Santos e Paulo de Carvalho editado pela Trova em 1978.

¹³ - *Lisboa Menina e Moça* Joaquim Pessoa e Ary dos Santos, música de Paulo de Carvalho e Fernando Tordo, Movieplay, 1976.

¹⁴ - *Estrela da Tarde*, Ary dos Santos e Fernando Tordo, Movieplay, 1976.

¹⁵ - *No Teu Poema*, José Luís Tinoco, *Uma Canção Para a Europa*, Movieplay - RTP, 1976.

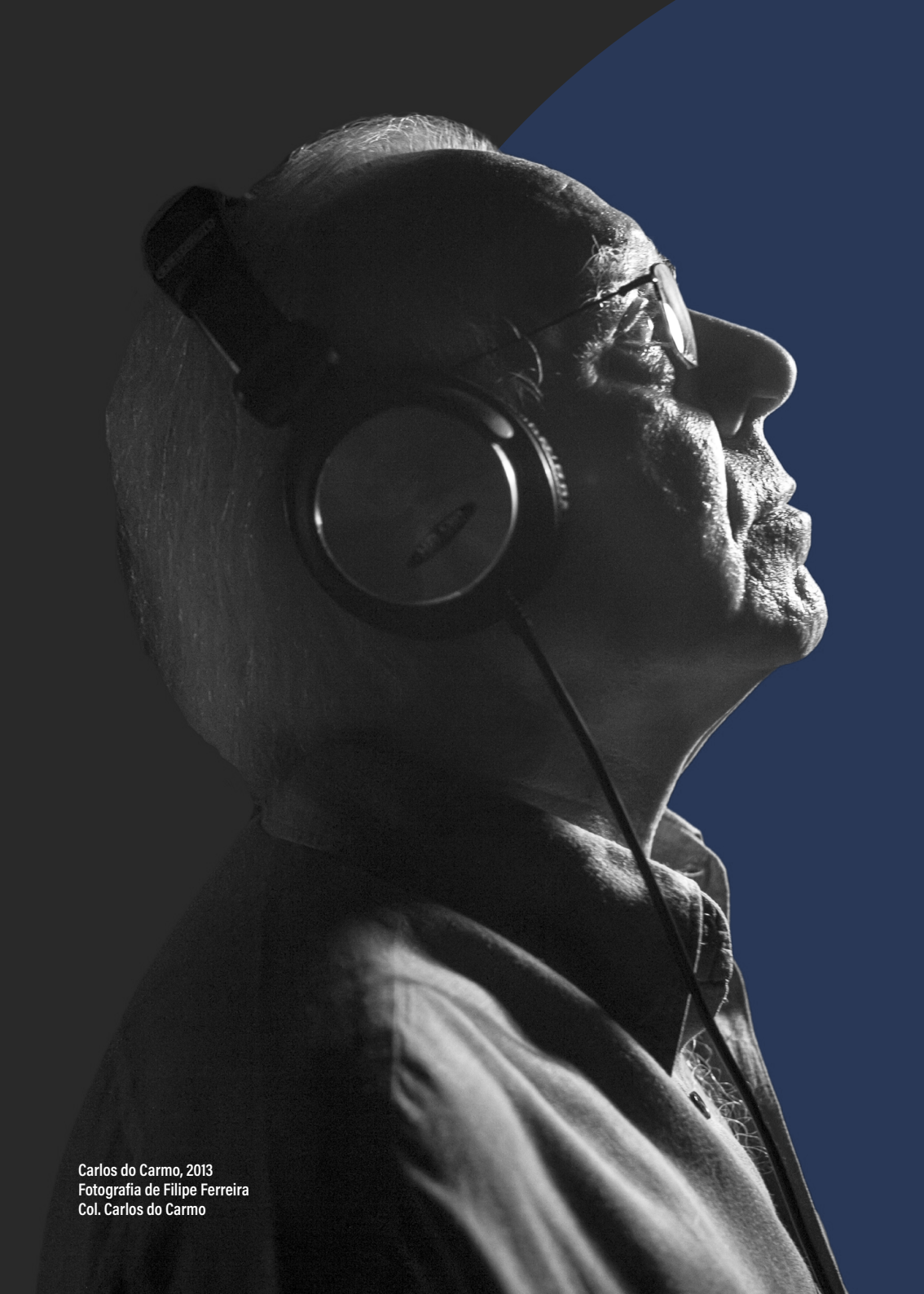
Em 1986 o álbum *Mais do que Amor é Amar*,¹⁶ celebrava a nossa poesia clássica e contemporânea - de Almeida Garrett, Antero e Bocage a Fernando Pessoa ou Teixeira de Pascoaes, de Pedro Homem de Mello a Ary dos Santos, Saramago e Carlos de Oliveira - nas melodias dos fados estróficos tradicionais de Alfredo Marceneiro, Frederico de Brito, Maria Teresa de Noronha, Miguel Ramos ou José Marques. Esta imperiosa necessidade de se reinventar levá-lo-ia a celebrar o *Mar Salgado* de Pessoa na década de 80 como o conduziria, em pleno século XXI, a desafiar, com a mesma inquietação, um conjunto de poetas contemporâneos que para ele escrevem novos temas nas melodias dos velhos fados tradicionais no álbum *À Noite*,¹⁷ onde Maria do Rosário Pedreira, Fernando Pinto do Amaral, Nuno Júdice ou Júlio Pomar sublimam, de modo extraordinário, esse grande edifício do repertório tradicional de Alfredo Marceneiro, Joaquim Campos e Armando Augusto Freire. Esta criteriosa selecção de repertório levá-lo-ia a convocar, continuamente, uma plêiade de poetas clássicos e contemporâneos como Mário de Sá Carneiro, Pedro Tamen, Cecília Meirelles, António Lobo Antunes, Manuela de Freitas, Vasco Graça Moura, Manuel Alegre, João Monge, entre muitos outros.

¹⁶ - Carlos do Carmo, *Mais do Que Amor é Amar*, Phillips, 1986.

¹⁷ - Carlos do Carmo, *À Noite* Universal Music Portugal, 2007.



Carlos do Carmo, Teatro São Luiz, 2012,
Fotografia EGEAC José Frade



Carlos do Carmo, 2013
Fotografia de Filipe Ferreira
Col. Carlos do Carmo

Num espírito de profundo respeito pela matriz tradicional, o percurso de Carlos do Carmo procurou, desde cedo, enaltecer, o que desse terreno despontava de original e a sua ruptura operou-se dentro de uma notável capacidade de diálogo com os grandes vultos do Fado das primeiras décadas do Século XX - com quem privou desde criança - e nos quais nunca deixou de se reconhecer. Capaz do distanciamento crítico de uma tradição que conheceu por dentro, desde criança, e cuja memória viva sempre protegeu e venerou, da sua experiência meditativa resultou uma imperiosa necessidade de renovação que se plasmava, desde logo, no repertório melódico e no acompanhamento instrumental, onde cedo introduzia formações mais complexas, com orquestra, com o beneplácito dos grandes pilares da tradição fadista, como Alfredo Marceneiro ou Frederico de Brito.

E se, por vezes, o acompanhamento instrumental se deixava impregnar de referências jazzísticas, primeiro com Thilo Krassmann e depois com o contrabaixo que Carlos do Carmo introduzia no Fado, convocando músicos como Carlos Barreto ou Carlos Bica, no acompanhamento tradicional foi persistentemente inovador como no *Fado Moli-ceiro* onde dialogava com a guitarra portuguesa de Carlos Paredes num arranjo de José Mário Branco, que Carlos do Carmo desafiara também para o Fado, quatro anos antes, com o tema *Raíz*.¹⁸

¹⁸ - *Raíz*, tema de estreia de José Mário Branco no Fado, era editado em *Carlos do Carmo, Álbum*, Phillips, 1980.

A par da revisitação dos fados tradicionais criados pelas grandes referências de Armando Freire, Pedro Rodrigues, José Marques, Joaquim Campos, Casimiro Ramos, Martinho d'Assunção, Maria Teresa de Noronha, Raul Nery ou Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo insistentemente promoveu a criação de novas melodias junto de autores como Joaquim Luís Gomes, José Luís Tinoco, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Zeca Afonso, José Mário Branco, Carlos Paredes, José Niza, António Vitorino de Almeida, Sérgio Godinho, Mário Moniz Pereira, Gil do Carmo, Ivan Lins entre outros.

E, se na altivez de um percurso de consagração poderia repousar, insistiu sempre na reinvenção de si próprio, fazendo-se acompanhar em disco por Maria João Pires, celebrando as canções da sua vida com o amigo Bernardo Sassetti, ou desafiando as novas gerações à celebração cúmplice no extraordinário álbum *Fado é Amor*, expressão sublimada da sua permanente abertura ao *outro* na partilha desta herança magnífica que incansavelmente nos devolve, renovada e esplendorosa.

A sua história é também uma história de amor pelos grandes pilares do Fado que conheceu e cujo legado incansavelmente revisitou, como pelos mais jovens que genuinamente aplaudiu e admirou e nele sempre reconheceram, para lá da grande Obra, a sabedoria do Mestre. Venerando a memória viva, vimo-lo apresentar ao grande público a sua *princesa* Argentina Santos,¹⁹ num Coliseu dos Recreios arrebatado por aquela voz singular, lembrando algumas súplicas da diva árabe Oum Khalsoum, e que durante décadas permanecera reservada ao espaço da *Parreirinha de Alfama*.

¹⁹ - No Coliseu dos Recreios de Lisboa, em 1994.



Carlos do Carmo, 2010
Fotografia Rita Carmo
Col. Carlos do Carmo



Carlos do Carmo, Pavilhão Atlântico, 2008
Fotografia de Fernando Bento. Col. Carlos do Carmo



Carlos do Carmo, Pavilhão Atlântico, 2008
Fotografia de Fernando Bento, Col. Carlos do Carmo

A sua voz poderosa - que teria triunfado em qualquer outro género musical - preferiu sempre o lado mais luminoso do nosso *fado*, que definitivamente enalteceu, num diálogo de grande cumplicidade com a melhor criação contemporânea, ao longo de meio século.

Nos palcos mais prestigiados do mundo, foi esta a alegoria luminosa que chamou a si para elevar universalmente a nossa língua, sem quaisquer cedências a um repertório rotineiro e estereotipado, porventura de aplauso mais fácil. Isso mesmo documenta a sua vasta discografia, com gravações de concertos nos grandes palcos do mundo, por muitas rotas por onde foi afirmando internacionalmente a nossa língua e a nossa cultura. Dialogando em pé de igualdade com outros géneros musicais, vimo-lo muitas vezes festejando as *suas canções*, de Jacques Brel e Leo Ferré a Chico Buarque ou Violeta Parra e vimo-lo, esplendoroso, celebrando Sinatra com a Orquestra de Count Basie.





Carlos do Carmo, 2009
Fotografia de Fernando Bento
Col. Carlos do Carmo



Somando uma vastíssima colecção dos mais prestigiados prémios, a história de Carlos do Carmo é também uma história de profundo respeito pelo seu público, junto do qual celebrou, ao longo de mais de cinquenta anos, sucessos ininterruptos. Talvez porque a sua utopia residia, antes de mais, nas pessoas, o profundo respeito pelo público fez de cada concerto um momento único, um acto de gratidão e de entrega que liminarmente recusava o estereótipo e o facilitismo das soluções rotineiras.

Só um amor grande e genuíno pela sua arte poderia iluminar este magnífico e continuado impulso de futuro, numa geografia temporal que perpassou mais de meio século. Só um apurado sentido de responsabilidade, uma fundada consciência patrimonial poderiam sustentar a sua entrega apaixonada e militante às grandes causas de valorização e salvaguarda do património do Fado.



No Museu do Fado, pudemos testemunhar o inigualável contributo de Carlos do Carmo para a preservação da sua genealogia cultural, reunindo informações, fazendo pontes, partilhando ensinamentos, saberes e memórias, e sempre partilhando generosamente o seu património memorial e afectivo, em prol de uma causa comum. Da candidatura do Fado à *Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade*, (UNESCO), viria a ser o primeiro e mais incondicional Mentor, desde o *verso em branco* da ideia inicial, à participação entusiasta e feliz que conduziu à consagração do Fado junto da UNESCO. Em pleno século XXI o seu legado permanece intemporal. Hoje, como ontem, continuamos a ouvi-lo, com o reconhecimento e a gratidão pelo muito que nos deu e continuará a dar, de encantamento e de alegria. Na sua vastíssima discografia, continuaremos a reencontrar aquilo que Maria Velho da Costa tão bem descreveu como "a procura apaixonada de mais luz no canto e na palavra."²⁰

Sara Pereira
Directora do Museu do Fado

²⁰ - Maria Velho da Costa, *Carlos do Carmo, Nove Fados e Uma Canção de Amor*, Universal Music, 2002.



Carlos do Carmo, Teatro São Luiz, 2012,
Fotografia EGEAC José Frade



Carlos do Carmo, Teatro São Luiz, 2012,
Fotografia EGEAC José Frade

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa

PRESIDENTE
Carlos Moedas

PELOURO DA CULTURA
Diogo Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Laurentina Pereira

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL
Jorge Ramos de Carvalho

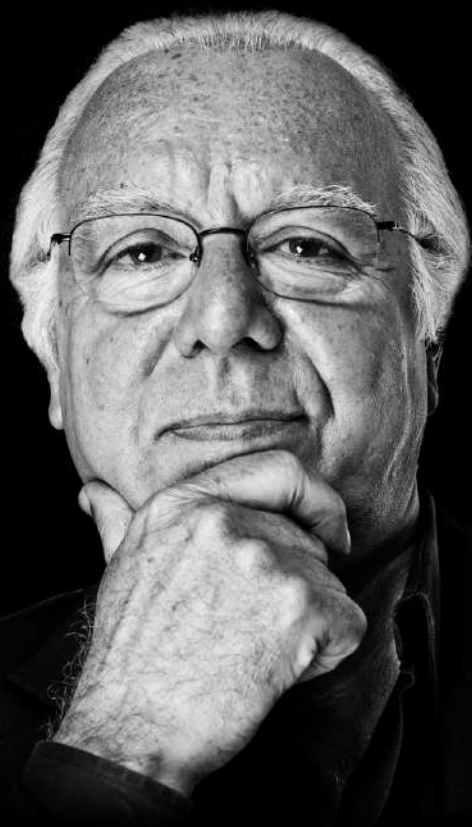
TÍTULO
Carlos do Carmo

FOTOGRAFIA DE CAPA
Fernando Bento

TIRAGEM
300

DEPÓSITO LEGAL
512379/23

EXECUÇÃO GRÁFICA
Imprensa Municipal de Lisboa



Carlos do Carmo, 2013,
Fotografia de Simon Frederik
Col. Universal Music

